

CHARLES SANTOS

**PLANTÃO PSICOLÓGICO DE RUA: ESCUTA QUALIFICADA E ACOLHIMENTO
IMEDIATO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL EM
CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

**ILHÉUS-BAHIA
2026**

CHARLES SANTOS

**PLANTÃO PSICOLÓGICO DE RUA: ESCUTA QUALIFICADA E ACOLHIMENTO
IMEDIATO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL EM
CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL**

Artigo apresentado como requisito para a avaliação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso II, no curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Ilhéus (CESUPI).

Orientador/a: Prof./a. Grazielle Sousa Santos.

ILHÉUS-BAHIA

2026



FACULDADE DE ILHÉUS



CESUPI

CURSO DE PSICOLOGIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Título: PLANTÃO PSICOLÓGICO DE RUA: ESCUTA QUALIFICADA E ACOlhIMENTO IMEDIATO
COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL EM CONTEXTO DE
VULNERABILIDADE SOCIAL

Discente: CHARLES SANTOS

Data da aprovação: 09 / 06 / 20

BANCA EXAMINADORA

(Orientador)

(Examinador I)

(Examinador II)

AGRADECIMENTOS

Início esses agradecimentos falando de Deus, o meu criador, agradeço por me dar o fôlego de vida e por colocar em meu coração amor ao próximo.

Agradeço em especial, à minha mãe, Maria da Conceição Santos, por me gerar em seu ventre e por toda abdicação para me alimentar e me educar.

Agradeço à professora Joselita, por me mostrar o brilho e o quanto a Psicologia Social é tão bela. E por fim, agradeço ao professor Lahiri, por me trazer de volta a confiança em mim mesmo e por ser uma pessoa inspiradora.

PLANTÃO PSICOLÓGICO DE RUA: ESCUTA QUALIFICADA E ACOLHIMENTO IMEDIATO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO EM SAÚDE MENTAL EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Charles Santos^{1*}
Grazielle Sousa Santos^{2**}

RESUMO

O presente estudo analisa a relevância teórica e prática do Plantão Psicológico de Rua como dispositivo de escuta qualificada e intervenção imediata em momentos de crise. O objetivo geral consistiu em compreender como essa modalidade atua como ferramenta de acolhimento emergencial e inclusão social na área da saúde mental, superando as limitações do modelo clínico tradicional diante de sujeitos em situação de vulnerabilidade em Ilhéus-BA. Metodologicamente, configurou-se como uma pesquisa qualitativa e descritiva do tipo relato de experiência, baseada nas atividades de um estágio curricular supervisionado em Psicologia Social, realizadas no centro urbano do município de Ilhéus-BA. A fundamentação teórica articulou conceitos da Psicologia Humanista e da clínica ampliada como postura ética e política. A análise dos resultados evidenciou que a oferta desse serviço extramuros favorece a emergência de demandas subjetivas e conflitos familiares que comumente permanecem silenciados no cotidiano, conforme ilustrado pelo estudo de caso de uma usuária da comunidade atendida em praça pública. Discutem-se, outrossim, os limites práticos da atuação, como as barreiras à manutenção da privacidade no espaço público, e os significativos impactos na formação ética e técnica de futuros profissionais. Conclui-se que o Plantão de Rua alcança com eficácia populações historicamente excluídas do suporte psicológico tradicional, promovendo reajustes emergenciais e autonomia, evidenciando a necessidade de expansão de políticas públicas integrativas voltadas à saúde mental coletiva.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Espaço Público; Psicologia Social; Acolhimento Imediato; Vulnerabilidade Social.

1 INTRODUÇÃO

O Plantão Psicológico é compreendido como um espaço de acolhimento e escuta oferecido quando o sujeito busca ajuda, visando favorecer a elaboração e a ressignificação do sofrimento vivenciado, por meio da mobilização de seus próprios recursos e, quando possível, dos recursos disponibilizados pela instituição ou articulados externamente (Morato, 1999). Nessa perspectiva, configura-se como uma modalidade emergente e socialmente comprometida de atenção em saúde mental, constituindo a temática central deste trabalho.

O presente estudo parte da experiência de estágio supervisionado realizada no Plantão Psicológico de Rua, no município de Ilhéus-BA, buscando refletir acerca das possibilidades de atuação da Psicologia para além do modelo clínico tradicional,

^{1*} Charles Santos, Estudante de Psicologia. charlessantosmission@gmail.com

^{2**} Grazielle Sousa Santos. Psicologia e Línguas Estrangeiras aplicadas às negociações internacionais, Clínica em Gestalt-Terapia e Avaliação Psicológica. grazielle.santos@faculdadedeilheus.com.br

historicamente restrito aos consultórios privados e, muitas vezes, distante das realidades sociais dos indivíduos. A vivência no estágio possibilitou compreender a importância da construção de espaços de escuta em ambientes públicos urbanos, como praças e terminais de transporte, ampliando o acesso ao cuidado psicológico para sujeitos em contextos de vulnerabilidade social.

A investigação do tema justifica-se pela necessidade de avaliar a viabilidade teórica e prática de modelos extramuros frente às demandas de uma sociedade marcada por profundas desigualdades econômicas e institucionais. Embora o ambiente de rua potencialize o alcance do cuidado psicológico a populações vulneráveis, ele impõe desafios complexos aos profissionais, tais como o manejo de crises inesperadas, a instabilidade do cenário público e as restrições severas à privacidade dos usuários.

Diante desse cenário de transição da clínica tradicional para uma clínica ampliada e territorial, delineia-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a experiência de estágio no Plantão Psicológico de Rua contribuiu para a compreensão do acolhimento emergencial e inclusão social na saúde mental para além do modelo clínico tradicional em contextos de vulnerabilidade social em Ilhéus-BA?

A fim de responder tal questionamento, o objetivo geral do estudo consistiu em analisar a relevância teórica e prática do Plantão Psicológico de Rua como um dispositivo de escuta qualificada e intervenção imediata em momentos de crise, a partir da experiência de estágio supervisionado realizada no centro urbano de Ilhéus-BA. Assim como os objetivos específicos, que visam inicialmente, contextualizar a transição do modelo clínico tradicional para a perspectiva da clínica ampliada; em seguida, relatar e discutir os desafios e as potencialidades da escuta qualificada na rua a partir de um atendimento realizado.

O quadro teórico que fundamentou a investigação foi composto por produções científicas consolidadas sobre o aconselhamento e a atenção psicológica institucional e comunitária, selecionando referências pelo critério de relevância histórica e técnica na consolidação do plantão psicológico no Brasil, congregando teses, dissertações e artigos que debatem a transição epistemológica da clínica clássica para modelos de urgência. Adicionalmente, buscou-se a integração de produções oriundas de simpósios focados nas fronteiras institucionais entre educação e saúde, de modo a enriquecer a análise do fenômeno com perspectivas que tencionam o diálogo da psicologia com as políticas de assistência social, os direitos humanos e a cidadania.

O artigo foi estruturado em cinco seções principais, iniciando por esta introdução, que apresenta o panorama temático e as diretrizes do estudo, seguida pelos procedimentos metodológicos, detalhando o desenho da pesquisa, o cenário do estágio e os aspectos éticos do manejo dos dados. A terceira seção expõe a fundamentação teórica, reunindo o resgate histórico do plantão e os conceitos estruturantes de acolhimento e postura clínica extramuros, que serve de base para o desenvolvimento da quarta sessão, que se apresenta a análise e discussão dos resultados, espaço em que a vivência prática e o estudo de caso são debatidos à luz da literatura e confrontados com os limites da realidade social. Por fim, a quinta seção reúne as considerações finais do trabalho, sintetizando as contribuições do estudo para a saúde mental e para a formação profissional de novos psicólogos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, fundamentada em análise narrativa de campo e revisão bibliográfica da literatura, construída a partir das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado Básico VII em Psicologia Social, realizado no dispositivo de Plantão Psicológico de Rua, no município de Ilhéus-BA.

A experiência ocorreu no período de fevereiro a junho de 2025, sendo desenvolvida por estudantes do curso de Psicologia sob supervisão profissional. As atividades foram realizadas em espaços públicos estratégicos, como praças e áreas de circulação urbana, visando proporcionar acolhimento imediato e escuta qualificada às pessoas em sofrimento psíquico, ampliando o acesso ao cuidado psicológico em contextos sociais diversos.

Para a fundamentação teórica, foram utilizados estudos relacionados ao Plantão Psicológico, Psicologia Humanista, Psicologia Clínica contemporânea e atuação psicológica em contextos sociais. Desse modo, foram incluídos autores que contribuíram para a compreensão dos conceitos centrais abordados no estudo, como Dutra (2004), ao discutir as transformações da clínica psicológica contemporânea e a necessidade de um posicionamento ético e socialmente comprometido do psicólogo; Rosário e Kyrillos Neto (2015), que abordam o Plantão Psicológico enquanto prática de acolhimento acessível à comunidade; Cury (1999), ao apresentar o plantão psicológico como espaço de escuta e acolhimento; Furigo et al. (2008), ao discutirem

a atuação em espaços públicos e o desenvolvimento da escuta empática; Breschigliari e Jafelice (2015), ao diferenciarem o Plantão Psicológico de outras modalidades clínicas.

Além da revisão bibliográfica, o estudo utilizou como base o relato de experiência proveniente das atividades desenvolvidas durante o estágio, incluindo encontros de supervisão, discussões teóricas, preparação técnica, leituras orientadas e atendimentos realizados em espaços públicos. Essas experiências possibilitaram reflexões acerca da prática psicológica voltada ao acolhimento de indivíduos em sofrimento psíquico em contextos de vulnerabilidade social.

O levantamento bibliográfico foi desenvolvido por meio de um processo sistematizado de curadoria de fontes no site Scielo. Inicialmente, foram selecionados artigos científicos, livros e materiais acadêmicos relacionados ao Plantão Psicológico, Psicologia Clínica contemporânea, Psicologia Humanista e práticas psicológicas em contextos sociais. Foram incluídas produções em língua portuguesa que apresentassem contribuições teóricas e metodológicas relevantes para a temática proposta. Foram excluídas fontes que não apresentavam relação direta com os objetivos da pesquisa, trabalhos duplicados, publicações incompletas e materiais sem fundamentação científica adequada.

Foi realizado um mapeamento inicial da literatura, com o objetivo de identificar as produções acadêmicas já existentes sobre a temática, bem como possíveis lacunas que justificassem a relevância e originalidade do estudo. Para tanto, foram estabelecidos descritores relacionados aos principais eixos da pesquisa, conforme apresentado na tabela a seguir.

TERMOS	Scielo
Plantão Psicológico	25
Clínica Ampliada	278
Plantão Psicológico AND Espaço Público	0
Plantão Psicológico AND Rua	0
Plantão Psicológico AND Clínica Ampliada	1
Plantão Psicológico AND Vulnerabilidade Social	2
Saúde Mental AND Vulnerabilidade Social	247
Saúde Mental AND Plantão Psicológico	23
Saúde Mental AND Clínica Ampliada	69
Acolhimento Imediato AND Psicologia Social	0
Acolhimento Imediato AND Psicologia	1
Escuta Qualificada AND Acolhimento Imediato	0
Escuta Qualificada AND Psicologia	19

Os resultados encontrados demonstram que, embora existam produções relacionadas aos temas centrais da pesquisa, ainda são reduzidos os estudos que articulam diretamente o Plantão Psicológico às práticas em espaços públicos, à vulnerabilidade social e à Clínica Ampliada. Dessa forma, observa-se uma lacuna na literatura acerca da atuação do Plantão Psicológico em contextos sociais, evidenciando a relevância e a contribuição deste estudo para o campo da Psicologia.

3 O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO DISPOSITIVO DE CLÍNICA AMPLIADA

Os modelos tradicionais que basearam a psicologia, foram desenvolvidos em uma convicção equivocada que descontextualiza o sujeito social, resumindo a prática psicológica aos ambientes privados sem analisar a história do paciente como um todo, mas focalizando na parcela de sinais e sintomas que eram apresentados. Na contemporaneidade, as práticas tradicionais não são mais adequadas à prática integrativa que é desejada pela área de saúde mental, ao qual deve enxergar um sujeito de maneira completa, diante da sua realidade social, sendo necessária uma nova configuração prática.

Assim, a prática clínica acompanha essa abordagem integrativa, não se restringindo ao local e estritamente a clientela que atende; sendo necessário uma capacidade reflexiva da própria prática, para que tenha um posicionamento ético e político adequado ao que é exigido socialmente, compreendendo que as intervenções práticas a aquele sujeito deve ser de acordo com a realidade que ele tem acesso, prática que de acordo com Dutra (2004) é a clínica como ethos, ou seja, uma postura ético e política diante do sofrimento humano e da realidade que o acompanha, tendo uma prática comprometida com a escuta e o acolhimento independentemente de onde estejam.

Essa idealização do atendimento itinerário com caráter social, abriu portas para o Plantão Psicológico, que surgiu em 1969 pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, objetificando, à priori, a oferta de um atendimento diferenciado à clientela que procurava o serviço, constituindo-se como uma alternativa às longas filas de espera, mas, com o aparecimento da Psicologia Humanista no Brasil, que se define como uma corrente que se opôs às correntes psicológicas que estavam vigentes, trouxe influência aos ideais sociais impulsionando os estudiosos

para buscarem alternativas às práticas tradicionais, como afirma Rosenberg (1987, p; 3),

(...) deu-nos o senso de identidade socioprofissional, incentivou nossos estudos, ajudou a superar diferenças individuais entre nós e levou-nos a acreditar, definitivamente, num novo modelo clínico de Psicologia, que ultrapassava o consultório para chegar à comunidade.

Esse novo modelo extramuro, busca acolher de modo geral todos aqueles que procuram pelo mesmo, buscando no possível atender as demandas da comunidade, dentro da própria comunidade e em outros espaços, como clínicas escolas e serviços públicos, mas almejando proporcionar a possibilidade de acesso democrático ao serviço de saúde mental, não como triagem para encaminhamento para outros serviços, mas como acolhimento pontual as demandas espontâneas (Rosário; Kyrillos Neto, 2015.)

Como existe a possibilidade que o encontro seja único, espera-se que o plantonista desenvolva uma capacidade empática imediata para estabelecer um contato emocional com o outro. Os psicólogos e estudantes que exercem essa prática clínica, podem desenvolver uma visão mais ampla da comunidade, além de terem a oportunidade de treinar o estabelecimento de uma escuta empática imediata com grande diversidade de casos atendidos (Furigo, 2006).

Trata-se de uma modalidade de atendimento clínico reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia, diferenciada da psicoterapia pelo estabelecimento do foco na emergência psicológica, não tendo diferenciação na eficácia em comparação com a psicoterapia, sendo atendimentos que possui suas próprias especificidades, mas de grande valia para o sujeito que está sendo acolhido e para o crescimento profissional do psicólogo (Breschigliari; Jafelice, 2015).

Focalizando no benefício ao paciente, é proposto um espaço de escuta, fornecendo uma forma deste organizar as questões que o motivou a procurar pelo serviço, promovendo um espaço para que seja desenvolvido o aqui e o agora acerca dos problemas enfrentados cotidianamente, onde diante desta escuta qualificada, ele consegue observar a verdadeira profundidade das queixas trazidas ao atendimento conseguindo enxergar meios para resolvê-las. (Ortolan; Bonafé, 2019).

Caberá ao plantonista estar sempre preparado para trabalhar com o inesperado, dispor de referencial teórico para poder atender a demanda do cliente que procura a escuta do plantão, podendo assim acolher de forma adequada aquilo que ocasionou a devida procura por ele. Também são características do plantonista a

prática empática, o cuidado, a atenção e preocupação com o sujeito que solicita o atendimento no plantão psicológico, ocasionando assim a criação do vínculo necessário para que o atendimento seja satisfatório. (Doescher; Henriques, 2012).

Sabe-se que o plantão psicológico é um atendimento voltado para o atendimento da urgência e que qualquer sujeito pode dispor desse serviço, porém uma grande maioria desses sujeitos não apresentam uma demanda que necessite a continuidade, sendo assim o profissional busca realizar com o cliente um autoconhecimento acerca das dificuldades apresentadas por ele, proporcionando que ele consiga se enxergar de forma integral como realmente são. (Vieira; Cagliumi, 2009).

O cliente, quando busca um serviço de saúde mental, ele quer ser visto e atendido por suas necessidades no momento, não tendo como pré-requisito qual será o atendimento proposto, o que acaba não acontecendo na prática, pois o profissional muitas vezes acaba focalizando no tipo de tratamento que será proposto e acaba se afastando das reais necessidades do cliente. (Ancona-Lopez, 1996)

Nesse sentido, o psicólogo, no plantão psicológico, independentemente de onde esteja ou do nome que recebe, estará ali para atender a pessoa, focalizando a sua atenção nesta e não no problema. Dessa forma, a eficácia do plantão psicológico não está relacionada à resolução da problemática em questão, já que a prioridade não é a queixa, mas o mundo de significados daquela pessoa, e o papel do psicólogo é ajudá-la a refletir e buscar novas maneiras para lidar com as suas dificuldades. É importante lembrar que o plantão não é solução para tudo, existem muitos limites, a maioria devido à grande desigualdade social e à defasagem dos serviços públicos. (Cury, 1999).

No entanto, a proposta do plantão mostra-se como um alcance dos serviços psicológicos a uma população que talvez nunca tivesse acesso, servindo como espaço de acolhimento e de informações, auxiliando as pessoas a ter uma maior autonomia emocional, bem como um esclarecimento acerca de sua realidade social e de seus direitos enquanto cidadão (Cury, 1999).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades práticas desenvolvidas no dispositivo do Plantão Psicológico de

Rua propiciam uma compreensão densa e reflexiva sobre a relevância da escuta qualificada e do acolhimento imediato enquanto estratégias de cuidado em saúde mental, especialmente para indivíduos que vivenciam situações de sofrimento psíquico e encontram barreiras institucionais de acesso aos serviços psicológicos tradicionais. A imersão em campo evidencia que o sofrimento emocional se manifesta nos mais variados contextos sociais e que a atuação psicológica, quando deslocada para espaços públicos, amplia significativamente as possibilidades de alcance, acolhimento e inclusão territorial.

Para compreender a dimensão desse dispositivo extramuros, faz-se necessário qualificar a estrutura institucional e operacional em que a prática esteve ancorada. O Estágio Supervisionado Básico VII em Psicologia Social, vinculado ao Centro de Ensino Superior de Ilhéus (CESUPI- Faculdade de Ilhéus), teve suas atividades de campo executadas na Praça J. J. Seabra, ambiente de intenso fluxo urbano no município de Ilhéus-BA. O período de vigência estendeu-se de fevereiro a junho de 2025, perfazendo uma carga horária total de 72 horas curriculares.

Operacionalmente, os plantões psicológicos ocorriam em regime semanal. O enquadre e a preparação técnica do corpo de estagiários foram estruturados de forma progressiva: inicialmente, realizou-se uma reunião geral via plataforma Microsoft Teams com a coordenação de estágios e, sequencialmente, encontros presenciais de ambientação teórica, que incluíram o planejamento da intervenção, fichamentos científicos e a técnica de Role Play (simulação de papéis) entre discentes e docente para capacitação clínica antes da inserção na rua.

O suporte e a validação das condutas éticas foram assegurados por meio de supervisões clínicas semanais conduzidas pela supervisora de campo, a psicóloga Marianne Gois Barbosa. No cenário público da praça, as regras de atendimento basearam-se no acolhimento imediato e na escuta qualificada de demandas espontâneas e crises psicológicas no exato momento em que emergiam.

Como salvaguarda ética fundamental e critério de proteção legal ao usuário e ao estudante, os atendimentos eram formalizados mediante a assinatura de um Termo de Atendimento Psicológico e consentimento regulamentado, assegurando o sigilo das informações e o alinhamento com as normativas do Conselho Federal de Psicologia. Por fim, nos casos em que se identificava a necessidade de acompanhamento contínuo de médio ou longo prazo, o enquadre do plantão de rua previa o devido encaminhamento do paciente para o serviço de psicoterapia na clínica-

escola da própria instituição.

Como já discutido, a psicologia esteve vinculada a práticas clínicas tradicionais, centradas em consultórios privados e voltadas a um público específico. Entretanto, conforme discute Dutra (2004), a clínica contemporânea exige uma redefinição de seus espaços e práticas, compreendendo a atuação psicológica como uma postura ética diante do sujeito e de sua realidade social. Nessa perspectiva, o Plantão Psicológico de Rua rompe com modelos tradicionais ao deslocar a prática clínica para espaços públicos, aproximando o cuidado psicológico das demandas sociais emergentes.

E é nesse sentido que as atividades foram desenvolvidas, observou-se que diversas pessoas se aproximavam inicialmente por curiosidade em relação à proposta do projeto, entretanto, ao longo do contato estabelecido, surgiam espontaneamente relatos relacionados a conflitos familiares, sofrimento emocional, angústias e questões subjetivas diversas. Tal percepção evidencia que a oferta de espaços acessíveis de escuta pode favorecer a emergência de demandas que muitas vezes permanecem silenciadas no cotidiano.

Sob a perspectiva da narrativa de atendimento na rua, torna-se possível descrever um fenômeno recorrente na literatura da urgência psicológica, ilustrado pelas dinâmicas de aproximação de usuáries na faixa etária adulta, na casa dos 49 anos, inseridas em contextos socioeconômicos estáveis. É comum que, nos momentos iniciais do encontro, o sujeito utilize mecanismos de defesa verbais, afirmando-se curioso, emocionalmente resolvido e negando a existência de problemas pontuais.

Contudo, a linguagem não verbal e a sustentação do olhar frequentemente tensionam essa aparente estabilidade. Quando o plantonista intervém de forma sensível, questionando e oferecendo contorno ético para além das respostas automáticas, o enquadre extramuros viabiliza uma súbita abertura subjetiva. O aprofundamento do diálogo costuma romper a rigidez defensiva, abrindo espaço para manifestações de choro e para a verbalização de angústias profundas associadas a rupturas e conflitos familiares mal resolvidos.

Esse padrão narrativo permite compreender que a queixa inicialmente apresentada ou a negação dela nem sempre corresponde à real demanda central vivenciada pelo indivíduo. Ao descentralizar o atendimento e assegurar um espaço genuíno de atenção imediata e pontual no momento exato do sofrimento psíquico, o

Plantão de Rua favorece a expressão e a organização de conteúdos subjetivos que não encontravam escoamento.

Essa percepção aproxima-se das reflexões de Ortolan e Bonafé (2019), ao afirmarem que o espaço de escuta possibilita ao indivíduo organizar suas experiências e compreender de forma mais profunda os fatores que motivaram sua procura pelo atendimento. Segundo os autores, o processo de fala e acolhimento favorece a ampliação da consciência acerca dos próprios conflitos e permite ao sujeito encontrar novos modos de compreender e enfrentar suas dificuldades.

Da mesma forma, Ancona-Lopez (1996) afirma que o indivíduo que procura atendimento psicológico busca ser acolhido em suas necessidades imediatas, independentemente da modalidade clínica oferecida. Assim, o encontro terapêutico não deve estar centrado exclusivamente na classificação prévia de sintomas ou problemas, mas na disponibilidade do profissional para compreender os significados produzidos pelo sujeito diante de sua experiência.

Outro aspecto identificado durante a prática foi a necessidade de o plantonista estar preparado para lidar com situações inesperadas. Diferentemente dos modelos clínicos convencionais, o Plantão Psicológico de Rua exige disponibilidade emocional, flexibilidade, preparo técnico e capacidade de estabelecer rapidamente uma relação empática.

Essas observações dialogam com Furigo et al. (2008), que destacam que o exercício do plantão psicológico contribui para o desenvolvimento de uma escuta empática imediata e amplia a capacidade do profissional em acolher situações diversas. Segundo os autores, a experiência em espaços públicos sensibiliza estudantes e profissionais para novas possibilidades de atuação psicológica e fortalece o compromisso social da profissão.

Além disso, os atendimentos em Plantão Psicológico possuem como base o aconselhamento psicológico centrado na pessoa, priorizando o reconhecimento da singularidade e da autonomia do sujeito. Tal perspectiva pôde ser observada durante os atendimentos realizados no estágio, nos quais a prioridade não consistia em solucionar imediatamente os conflitos apresentados, mas em oferecer condições para que a pessoa pudesse refletir sobre suas vivências e reorganizar seus recursos emocionais.

No entanto, embora a experiência tenha demonstrado importantes contribuições, alguns limites também foram identificados, entre eles destacam-se a

difficuldade de manutenção da privacidade em espaços públicos, a necessidade de estruturas físicas mais acolhedoras e a escassez de iniciativas semelhantes em periferias, comunidades afastadas e zonas rurais.

Conforme afirma Cury (1999), o Plantão Psicológico possui limites relacionados às desigualdades sociais e às fragilidades presentes nos serviços públicos e embora represente uma importante estratégia de acesso ao cuidado psicológico, não deve ser compreendido como solução única para problemas estruturais mais amplos relacionados à saúde mental.

Outro aspecto relevante refere-se ao processo formativo proporcionado pela experiência, o contato direto com situações reais de sofrimento psíquico possibilitou o desenvolvimento de habilidades relacionadas à escuta, empatia, manejo emocional e posicionamento ético diante das demandas apresentadas. Nesse sentido, Furigo (2006) destaca que experiências em Plantão Psicológico favorecem a sensibilização do futuro profissional para práticas voltadas aos espaços públicos e ampliam a compreensão sobre as múltiplas formas de sofrimento presentes na sociedade.

Assim, ao analisar a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado Básico VII em Psicologia Social, no campo do Plantão Psicológico de Rua, considerando as supervisões realizadas, as leituras dos referenciais teóricos, a experiência prática desenvolvida durante a execução do projeto e as devolutivas apresentadas pelas pessoas atendidas e pela orientadora do campo, torna-se possível compreender a relevância de iniciativas como esta para a atuação psicológica contemporânea.

A experiência permitiu reconhecer a importância de projetos inseridos em espaços urbanos, especialmente em grandes e médios centros, que possibilitam atendimentos imediatos e pontuais por meio de uma escuta qualificada voltada ao acolhimento de indivíduos em sofrimento psíquico.

Além das contribuições oferecidas às pessoas atendidas, a vivência proporcionou importantes aprendizados para a formação acadêmica e profissional, ampliando a compreensão sobre o compromisso social da Psicologia e fortalecendo competências relacionadas à escuta, empatia, ética e sensibilidade diante das demandas humanas. Dessa forma, a experiência ultrapassa o campo técnico e acadêmico, constituindo-se também como uma construção de valores e aprendizagens que acompanharão a trajetória pessoal e profissional futura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto ao longo deste estudo, observa-se que a questão central que orientou esta pesquisa foi contemplada, evidenciando que o Plantão Psicológico de Rua se configura como uma importante estratégia de acolhimento e escuta qualificada, contribuindo para a ampliação do acesso ao cuidado em saúde mental, especialmente para indivíduos em contextos de vulnerabilidade social. A experiência analisada demonstrou que o sofrimento psíquico ultrapassa os limites dos espaços clínicos tradicionais, manifestando-se nos diferentes cenários sociais e demandando novas formas de atuação do profissional da Psicologia.

A análise desenvolvida possibilitou compreender que a clínica psicológica contemporânea não deve estar restrita a consultórios ou instituições formais, mas ser entendida como uma postura ética, sensível e comprometida com a realidade do sujeito. Nesse sentido, os resultados encontrados reforçam a importância de práticas psicológicas que se aproximem das demandas sociais atuais, ampliando os espaços de cuidado e possibilitando intervenções mais acessíveis e humanizadas.

Além disso, a experiência vivenciada durante o estágio permitiu identificar a relevância da escuta qualificada enquanto instrumento fundamental no acolhimento de pessoas em sofrimento psíquico. Os atendimentos realizados demonstraram que, muitas vezes, o sujeito necessita inicialmente de um espaço seguro de fala e escuta para organizar suas experiências e atribuir novos significados às suas vivências, possibilitando reflexões sobre suas dificuldades e recursos emocionais.

Entretanto, torna-se importante destacar que, apesar das contribuições observadas, o Plantão Psicológico de Rua apresenta limites relacionados às condições estruturais, à realização de atendimentos em espaços públicos e à escassez de iniciativas semelhantes em regiões periféricas, comunidades afastadas e contextos rurais. Tais aspectos evidenciam a necessidade de ampliação das políticas públicas voltadas à saúde mental e ao fortalecimento de estratégias que possibilitem maior alcance desses serviços.

Por fim, este estudo também abre possibilidades para futuras investigações acerca da atuação psicológica em contextos não convencionais, especialmente no que se refere à expansão do Plantão Psicológico para territórios historicamente menos assistidos, como zonas rurais, aldeias. Dessa forma, permanece a reflexão acerca dos

desafios da Psicologia contemporânea, de que maneira é possível construir práticas cada vez mais acessíveis, humanizadas e socialmente comprometidas, capazes de aproximar o cuidado psicológico daqueles que historicamente permaneceram à margem dos serviços tradicionais?

Assim, conclui-se que o Plantão Psicológico de Rua ultrapassa a proposta de atendimento emergencial e pontual, constituindo-se como um espaço de acolhimento, escuta e cuidado, reafirmando o compromisso social da Psicologia e a necessidade de práticas que reconheçam a singularidade do sujeito em sua realidade histórica e social

REFERÊNCIAS

- ANCONA-LOPEZ, S. **A porta de entrada: da entrevista de triagem à consulta psicológica**. 1996. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.
- BRESCHIGLIARI, J. O.; JAFELICE, G. T. Plantão Psicológico: Ficções e Reflexões. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 1, p. 225-237, 2015.
- CURY, V. E. Plantão psicológico em Clínica Escola. In: MAHFOUD, M. (org.). **Plantão Psicológico: novos desafios**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1999.
- DOESCHER, A. M. L.; HENRIQUES, W. M. Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 4, p. 717–723, 2012.
- DUTRA, E. Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 2, p. 381-387, 2004.
- FURIGO, R. C. P. L. et al. Plantão Psicológico: uma prática que se consolida. **Boletim de Psicologia**, v. 58, n. 129, p. 185-192, 2008.
- FURIGO, R. C. P. L. **Plantão Psicológico: uma análise da contribuição junguiana para a atenção psicológica na área da saúde**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2006.
- MORATO, H. T. P. Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinariedade. Em H. T. P. Morato (Org.), **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**, p. 61-89, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- ORTOLAN, M. L. M.; BONAFÉ, S. E. I. Avaliação do plantão psicológico de um serviço escola de psicologia. **Interações em Psicologia**, v. 23, n. 2, 2019.
- ROSÁRIO, A. B.; KYRILLOS NETO, F. Plantão psicológico em uma clínica-escola de psicologia: saúde pública e psicanálise. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 7, n. 1, p.

37-48, 2015.

ROSENBERG, Rachel. **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa**. São Paulo: EPU, 1987.

VIEIRA, D. M.; CAGLIUMI, W. A. Serviço de plantão psicológico aos clientes da área de saúde. **Psicologia.com.pt**: o portal dos psicólogos, 2009.